



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR



PALCOS DO COTIDIANO

ANA HELENA CORRÊA DE FREITAS GIL¹

WOLF D. SAHR²

LINHA DA PESQUISA: TERRITÓRIO, CULTURA E REPRESENTAÇÃO

Em “Palcos do Cotidiano”, buscamos contextualizar o que vem a ser cotidiano para as pessoas e de que modo elas entendem a constituição desse amplo campo de análise. Quanto falamos em cotidiano temos que nos reportar a multiplicidade de conceitos que vão surgindo, parece algo tão simples e, no entanto é tão complexo para ser analisado. Como lembra Lefebvre (1991), o cotidiano é a soma de *insignificâncias* e não de *insignificantes*. São as pequenas ações que dão significado a vida, como: o acordar cedo, tomar café, ir para o trabalho, encontrar as pessoas no caminho, falar com a família, enfim o banal que apresenta o lado sensível e prático, do vivido e do concebido, revelando “riquezas”, dentro do que muitas pessoas encaram como “pobreza” do seu cotidiano. Cada indivíduo é o protagonista da sua vida, compondo a sua história a partir das suas decisões e ações. Aliás, a vida cotidiana é repleta de escolhas, de opções a se fazer. Simples como comer ou não pão com margarina ou manteiga ou escolhas motivadas pela moral que cada um apreende ao longo de sua história de vida. Decisões um tanto mais complicadas, pois aí ocorre a relação particular-individual-social, onde se deve chegar a um senso comum, ou seja, um modo de agir de acordo com as normas, hábitos, costumes, práticas, regras de conduta que orientam o dia-a-dia das pessoas. Os vários elementos que fazem parte do cotidiano parecem formar uma sólida reflexão acerca do que espelha o comportamento e reconhecimento das identidades, e emoções do dia-a-dia dos indivíduos que se vêem dentro de um intenso processo de globalização.

Na geografia social os estudos do cotidiano enfatizam a incidência espacial dos problemas sociais asseverando a importância do espaço na constituição do cotidiano e,

¹ anahgil@ufpr.br

² Professor orientador

examinando as estruturas espaciais sob as relações sociais e reincidência do espaço na teoria social. Sendo assim, nossa proposição é avançar na discussão da regionalização do cotidiano retomando a discussão do conceito de auto representação proposta por Erving Goffman que interpreta o comportamento humano em sociedade como uma forma de manifestação teatral (intencional e encenado). O autor utiliza o termo “representação” para se referir a toda atividade do indivíduo que ocorre em um período caracterizado por sua presença contínua no local e, que exerce sobre este alguma influência. Ele não só descreve mais analisa as interações sociais dos sujeitos por meio da linguagem, gestos, olhares e verbalização. Utiliza desse modo, a metáfora teatral, por considerar as pessoas como atores e define as atuações dos indivíduos em suas interações, como se tratasse de uma obra de teatro. O método adotado é o monográfico, ou seja, o estudo de caso em profundidade, sempre de pequenos grupos. O olhar é o das observações das representações das pessoas. O indivíduo pode assumir diferentes papéis sociais utilizando à mesma fachada, que a essa altura já foi estabelecida para ele. Assim, em uma cidade, em um bairro, a fachada pode ser a mesma, mas o papel que o indivíduo irá desempenhar pode ser alternado. Os indivíduos por sua vez procuram se ajustar aos papéis em cada estrutura social. Para tanto, são necessários astúcia, desempenho e aparência. Em um bairro os moradores agem de acordo com a fachada que assumem, devemos lembrar que a fachada nada mais é do que a padronização intencional do que se quer representar. Para que ocorra a interação entre os indivíduos é importante definir os momentos, como cita Goffman, a definição do cenário a princípio permite evitar constrangimentos entre os que estarão interagindo. Esses rituais do modo de agir, identificam comportamentos e expressões facilitando a interação social. Fazendo com que a vida social seja vista como uma representação teatral.

Aliado a essa análise das representações sob a ótica teatral buscamos alguns autores que trabalham com a questão do indivíduo como personagem. Destacamos dramaturgos como Constantin Stanislavski e Bertold Brecht que possuem visões antagônicas em relação ao modo de atuar do ator. Na opinião de Stanislavski o ator deveria antes de tudo ser íntegro, simples e modesto, deveria ter consciência de que seu trabalho deveria fundir-se ao conjunto, e que cada ator não representava a um papel, mas sim uma peça. Dentro dessa concepção o ator “Ingressa no teatro de Stanislavski como se ingressasse numa religião, para dar a cada dia o melhor de si, para merecer um dia chegar ao palco” (Aslan, 1994). O teatro é pensado então com a verdade e realidade na arte, o real seria o verdadeiro e a verdade artística seria o resultado disso. Bertold Brecht pensava de forma diferente da de Stanislavski, ele se ocupava

principalmente da dimensão social e política dessa arte. Brecht via no teatro a necessidade de um afastamento da realidade para assim conseguir fazer a crítica. Para ele o ator não deve estar mergulhado nas emoções do personagem e muito menos em suas emoções particulares. Brecht criticava o método de Stanislavski entendendo que através dele o ator poderia tornar-se repetitivo, copiando o supérfluo. Desejava um ator mais “pensante” e menos “orgânico”. No palco o ator deve ser um novo ator, lembrando sempre ao expectador que está apenas representando. Para Brecht o ator não deve estar mergulhado nas emoções do personagem e muito menos em suas emoções particulares.

Para desempenhar seus papéis quer seja na vida real ou no teatro, as pessoas precisam utilizar-se de sua aparência. Neste contexto, Michel Maffesoli, lança um olhar sobre o cotidiano. Segundo o autor as grandes certezas desmoronam-se regularmente e, só o presente pode fornecer elementos, fatos e experiências que nos permitem compreender o que está em estado nascente. É a banalidade que será observada sob um olhar lúcido e ao mesmo tempo um olhar generoso, um “juízo de existência”, entre o imaginário e o real. O cotidiano e o local são espaços de sociabilidade, acontecendo uma interligação entre eles. É nesse cotidiano constituído de várias ligações quer sejam significantes ou insignificantes que se constrói a força e a permanência da vida cotidiana, caracterizando a sociedade.

Nessa pesquisa o objetivo primordial é analisar as representações dos atores sociais na estruturação do cotidiano do Bairro Alto em Curitiba- PR, a partir do devir de sua situação social e do modo como constroem seu mundo vivido, compreendendo o bairro como palco de ações dos seus moradores.

Na nossa releitura, especificamente na proposta da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman, passamos a ver a cidade como um palco, destacando o Bairro Alto na cidade em Curitiba- PR. A opção pelo Bairro Alto, justifica-se por se tratar de um bairro que evidencia um espaço contrastante, tanto a nível físico quanto de significações que os indivíduos têm desse espaço vivido.

Com tantas reflexões percebemos que as circunstâncias das realidades geográficas do mundo vivido, compreendem a análise do estudo do cotidiano. Relações essas que ocorrem em um espaço – o *mundo vivido*, que é a soma de todas as ações e intervenções junto ao meio onde o indivíduo vive, criando dessa forma uma experiência de vida, cada qual com sua experiência.

Palavras chaves: Cotidiano, representação, geografia do cotidiano.